

## O PAPEL DA PSICOPEDAGOGIA FRENTE ÀS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

### THE ROLE OF PSYCHOPEDAGOGY IN FRONT OF LEARNING DIFFICULTIES

### EL PAPEL DE LA PSICOPEDAGOGÍA ANTE LAS DIFICULTADES DE APRENDIZAJE

Emanuela Alves da Silva Loiola<sup>15</sup>

Maria Vandia Guedes Lima<sup>16</sup>

#### RESUMO

O presente artigo tem por objetivo apresentar o papel e, conseqüentes, contribuições da psicopedagogia frente aos percalços na materialização da aprendizagem, independente do motivo que ocasione as dificuldades. Perante tal finalidade constituiu-se a seguinte indagação: De que maneira a psicopedagogia pode auxiliar a evolução educacional, diante das inúmeras dificuldades que permeiam o processo de ensino e aprendizagem? Em fundamentação à finalidade da pesquisa e na problemática levantada, destacam-se os seguintes objetivos específicos do estudo: Contextualizar o surgimento e evolução histórica da psicopedagogia com ênfase às suas contribuições educacionais à luz de alguns autores; Elencar as principais dificuldades que ocorrem no meio educacional e de que forma as mesmas interferem na consolidação da aprendizagem; Refletir sobre a relevância da atuação psicopedagógica como aliada no enfrentamento às dificuldades de aprendizagem e conseqüente efetivação da construção autônoma do saber. Para atingir os referidos desígnios, utilizou-se de uma abordagem qualitativa a partir de uma pesquisa bibliográfica em livros, revistas e artigos científicos. A análise feita, proporcionou uma visão ainda mais apurada sobre o relevante papel da psicopedagogia enquanto facilitadora do processo de aprendizagem frente a questões que, corriqueiramente, aparecem como obstáculos. Além de perceber a metodologia do psicopedagogo como essencial no discernimento de casos que necessitam de tratamentos específicos, sendo que as interferências na aprendizagem não devem ser generalizadas, já que partem de aspectos distintos: pedagógicos, emocionais e sociais, principalmente.

**Palavras-chaves:** Psicopedagogia. Dificuldades. Aprendizagem.

#### ABSTRACT

This article aims to present the role and, consequently, contributions of psychopedagogy in the face of the obstacles in the materialization of learning, regardless of the reason that causes the difficulties. In view of this purpose, the following question was asked: How can psychopedagogy help educational evolution, given the countless difficulties that permeate the teaching and learning process? In support of the purpose of the research and the problem raised, the following specific objectives of the study are highlighted: To contextualize the emergence and historical evolution of psychopedagogy with emphasis on its educational contributions in the light of some authors; List the main difficulties that occur in the educational environment and how they interfere in the consolidation of learning; Reflect on the relevance of psychopedagogical action as an ally in

coping with learning difficulties and the consequent realization of the autonomous construction of knowledge. To achieve these goals, a qualitative approach was used based on a bibliographic search in books, magazines and scientific articles. The analysis made, provided an even more refined view on

<sup>15</sup> Emanuela Alves da Silva Loiola, graduada em Pedagogia, Língua Portuguesa e Especialista em Psicopedagogia Institucional Clínica e Saúde, pela UVA

<sup>16</sup> Maria Vandia Guedes Lima, graduada em: Pedagogia, Língua Portuguesa e História, especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional e Mestre em Educação

the relevant role of psychopedagogy as a facilitator of the learning process in the face of issues that, currently, appear as obstacles. In addition to perceiving the methodology of the psychopedagogue as essential in the discernment of cases that need specific treatments, the interferences in learning should not be generalized, since they start from different aspects: pedagogical, emotional and social, mainly.

**Keywords:** Psychopedagogy - Difficulties - Learning.

## RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo presentar el papel y, en consecuencia, las contribuciones de la psicopedagogía frente a los percances en la materialización de los aprendizajes, independientemente del motivo que provoque las dificultades. Ante tal propósito, se constituyó la siguiente pregunta: ¿De qué manera la psicopedagogía puede ayudar a la evolución educativa, frente a las numerosas dificultades que permean el proceso de enseñanza y aprendizaje? En apoyo al propósito de la investigación y las cuestiones planteadas, se destacan los siguientes objetivos específicos del estudio: Contextualizar el surgimiento y evolución histórica de la psicopedagogía con énfasis en sus aportes educativos a la luz de algunos autores; Enumerar las principales dificultades que se presentan en el ámbito educativo y cómo interfieren en la consolidación de los aprendizajes; Reflexionar sobre la pertinencia de la acción psicopedagógica como aliada en el enfrentamiento de las dificultades de aprendizaje y la consecuente realización de la construcción autónoma del conocimiento. Para lograr estos objetivos, se utilizó un enfoque cualitativo basado en una investigación bibliográfica en libros, revistas y artículos científicos. El análisis realizado brindó una visión aún más certera del papel relevante de la psicopedagogía como facilitadora del proceso de aprendizaje frente a cuestiones que, rutinariamente, aparecen como obstáculos. Además de percibir la metodología del psicopedagogo como fundamental en el discernimiento de casos que necesitan tratamientos específicos, y las interferencias en el aprendizaje no deben generalizarse, ya que provienen de diferentes aspectos: pedagógico, emocional y social, principalmente.

**Palabras clave:** Psicopedagogía. dificultades. Aprendizaje.

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho traz como objeto de estudo papel da psicopedagogia diante das dificuldades de aprendizagem que, ainda, permeiam a formação do indivíduo, considerando seus aspectos neurológicos, pedagógicos ou sociais. Destaca-se a análise de tais dificuldades como responsáveis pelos obstáculos educativos, seja para o progresso da criança/adolescente, seja no trabalho do professor, que muitas vezes se vê em uma situação de impotência, tornando o processo de ensino e aprendizagem, sem o apoio psicopedagógico, excludente, taxativo ou mesmo ineficaz.

A escolha por pesquisar acerca do tema justifica-se pela análise do contexto educacional atual que, embora a Constituição assegure a igualdade de direitos, não é difícil se deparar com situações de exclusão, dentre as quais a mais evidente, ou no mínimo mais difícil de converter, tem sido praticada contra pessoas que apresentam algum tipo de deficiência, as quais são deixadas sem acesso aos direitos e garantias essenciais como a educação, por exemplo; ainda há o agravante de que no mesmo

contexto de exclusão, há cada vez mais a presença de fatores sociais e familiares responsáveis por comportamentos controversos que acabam por coibir o progresso do indivíduo e são, equivocadamente, considerados fatores que caracterizam incapacidades, acredita-se que é o trabalho psicopedagógico que pode converter essa realidade.

No tocante a essa questão o papel do psicopedagogo agencia a prevenção, investigação, diagnóstico e intervenção apropriados para cada situação, pois uma criança não pode ser tratada como deficiente, simplesmente por aprender em um ritmo diferente; aquela que é deficiente não deve ser qualificada como incapaz de evoluir, sem que seja feita intervenções adequadas à mesma. Além do mais, deve-se constatar que não necessariamente o problema está centrado na dificuldade da criança, mas, inclusive, na própria dificuldade que o professor tem em encontrar um método eficaz para auxiliar a mesma na consolidação do conhecimento.

Nessa perspectiva, enfatiza-se o profissional psicopedagogo como forte aliado na efetivação da aprendizagem, embora haja a necessidade de maiores investimentos para a presença deste nas instituições, podendo, dessa forma, contribuir de maneira categórica na solução de alguns entraves que permeiam a realidade educacional.

Considerando tais abordagens, tem-se o questionamento que norteia o desenvolvimento do presente estudo: *De que maneira a psicopedagogia pode auxiliar a evolução educacional, diante das inúmeras dificuldades que permeiam o processo de ensino e aprendizagem?*

A partir da referida problemática, traçou-se como objetivo geral deste estudo apresentar o papel e, consequentes, contribuições da psicopedagogia frente aos percalços na materialização da aprendizagem, independente do motivo que ocasione as dificuldades.

Especificamente objetiva-se: Contextualizar o surgimento e evolução histórica da psicopedagogia com ênfase às suas contribuições educacionais à luz de alguns autores; Elencar as principais dificuldades que ocorrem no meio educacional e de que forma as mesmas interferem na consolidação da aprendizagem; Refletir sobre a relevância da atuação psicopedagógica como aliada no enfrentamento às dificuldades de aprendizagem e consequente efetivação da construção autônoma do saber.

Acredita-se que o presente estudo possa contribuir com a disseminação do trabalho do psicopedagogo, favorecendo o reconhecimento do mesmo como forte aliado na superação das dificuldades humanas que impedem, sobretudo, o avanço acadêmico do indivíduo; ademais, é necessário perceber no trabalho psicopedagógico a forte influência e responsabilidade pela promoção da inclusão, fator que ainda carece de muita melhoria nas instituições educacionais de todo Brasil.

O processo metodológico deu-se a partir de uma abordagem qualitativa, tendo em vista que a referida abordagem possibilita, a partir do tema pesquisado, o estudo de fenômenos que permeiam a humanidade por meio da captação das perspectivas de pessoas neles envolvidas, considerando tanto aspectos educacionais, quanto sociais, como um todo. Outrossim, o método utilizado advém de uma revisão

bibliográfica sobre as principais teorizações em livros, artigos científicos e revistas que tratam das dificuldades de aprendizagem e o papel da psicopedagogia.

A primeira seção apresenta uma breve contextualização sobre o surgimento e progresso da psicopedagogia, estendendo-se à análise de aspectos globais sobre a mesma na visão de autores que contribuíram com a consolidação da profissão. A segunda seção organizou-se a partir da teorização de aspectos que atrapalham o processo de aprendizagem, dando ênfase a distinção entre dificuldades de aprendizagem e transtornos de aprendizagem. Na última seção, procurou-se destacar o papel do psicopedagogo institucional e suas contribuições no processo de aprendizagem.

Parar realização deste trabalho foi feito pesquisas as quais consideraram primordialmente aspectos teóricos estudados a partir de autores como: Bossa (2007), Bastos (2008), Paín (1983), Visca (1987), entre outros.

## **2 BREVE ABORDAGEM HISTÓRICA SOBRE A PSICOPEDAGOGIA**

A psicopedagogia tem seu surgimento apontado com ocorrência na Europa, segundo Bossa (2007), ainda no século XIX, tal fato estaria evidenciado pela preocupação com os problemas de aprendizagem investigados na área médica. Acreditava-se, na época, que os comprometimentos na área escolar eram provenientes de causas orgânicas, por esse motivo, procurava-se identificar no físico as determinantes das dificuldades do indivíduo, o que vem constituir um caráter orgânico da psicopedagogia.

Ainda conforme Bossa (2007), a crença de que os problemas de aprendizagem eram causados por fatores orgânicos perdurou por muitos anos e determinou a forma do tratamento dada à questão do fracasso escolar até bem recentemente.

Na França, entre as décadas de 40 a 60 o trabalho do médico era vinculado ao do pedagogo, em 1946, em Paris foi criado o primeiro centro de psicopedagogia, a cooperação entre o trabalho destes dois profissionais se destinava, especialmente, à crianças com problemas escolares ou de comportamento, que tinha atribuições ao fato de serem portadoras de alguma doença crônica.

O termo “psicopedagógico” substitui “médico pedagógico” e tem relação com a necessidade de fazer com que os pais tivessem menos resistência em deixar que os filhos fossem acompanhados quando apresentassem algum retardo escolar, e, conseqüentemente, passassem por encaminhamentos médicos e pedagógicos.

Embora tenha começado sua estruturação nos anos 60, a partir do trabalho de alguns autores brasileiros, a psicopedagogia só chegou oficialmente ao Brasil, conforme Bossa (2007), na década de 70, época em que dificuldades de aprendizagem eram diagnosticadas como disfunções neurológicas, sendo

desconsiderado na análise problemas sociopedagógicos. O momento coincide com a criação da Escola da Guatemala, no Rio de Janeiro, que já alvitrava um trabalho preventivo diante da preocupação de algumas impropriedades do ensino.

No Brasil é possível destacar a forte influência argentina, destacando-se nomes como Sara Paín, Jacob Feldmann, Ana Maria Muniz, além do professor Jorge Visca apontado como um dos maiores contribuintes da difusão psicopedagógica, foi o fundador do Centro de Estudos Psicopedagógicos - Curitiba, divulgador da psicopedagogia no Brasil, e também na Argentina e em Portugal, como também criador de uma Clínica Comunitária que atendia comunidades carentes com dificuldades de aprendizagem.

Atualmente, a regulamentação da profissão em psicopedagogia é uma luta longa que, embora ainda não esteja totalmente concluída, tem um histórico de vitórias, em uma das últimas aprovações, no ano de 2016, segundo dados apresentados por Gonçalves na revista Aprender (2019), a Comissão de Educação da Câmara Federal aprovou proposta que deixa a cargo de cada sistema de ensino (Federal, Estaduais e Municipais) a implementação do atendimento psicopedagógico aos seus alunos, todavia, o psicopedagogo não necessariamente será lotado na escola, mas eventualmente em centros que atendam às escolas na medida das necessidades que se apresentarem, principal aspecto negativo dentre as conquistas, pois muitas vezes restringe a atuação e conseqüente contribuição que o profissional pode dar ao processo de ensino e aprendizagem.

## **2.1 A aprendizagem sob o trabalho psicopedagógico: aspectos globais à luz de alguns autores**

Para Visca (1987), a aprendizagem depende de uma estrutura onde envolva o cognitivo, o afetivo e o social, nas quais estas sejam indissociavelmente ligadas a alguns aspectos desses três elementos, o mesmo defende que a inteligência vai se construindo a partir da interação do sujeito e as circunstâncias do meio social, preconizando, assim, a epistemologia convergente.

Tal epistemologia proposta pelo referido autor propõe um trabalho psicopedagógico utilizando-se da confluência das três linhas: A Psicogenética de Piaget, que defende que ninguém pode aprender além do que sua estrutura cognitiva permite; a Psicanálise de Freud, embasada no pressuposto que dois sujeitos com igual nível cognitivo e distintos investimentos afetivos em relação a um objeto aprenderão de forma diferente; e a Psicologia Social de Enrique Pichon Rivière, pois se ocorresse uma semelhança do cognitivo e afetivo em dois sujeitos de distinta cultura, também suas aprendizagens em relação a um mesmo objeto seriam diferentes, devido as influências que sofreram por seus meios socioculturais.

De encontro com a ideologia supracitada, Paín (1983) defende que os fatores emocionais, ambientais específicos, orgânicos e sociais interferem no rendimento



escolar dos alunos, portanto a criança necessita de um ambiente seguro, estimulante, onde os erros sejam permitidos para o crescimento da mesma, outrossim, o psicopedagogo irá auxiliar o educando a conhecer seus pontos fortes e a compreender suas dificuldades, buscando estratégias que sejam úteis nos processos de ensino e aprendizagem, todavia, salienta-se que quando surgir obstáculos mais acentuados no processo, estes não deverão ser vistos isoladamente.

Sendo assim, percebe-se que a análise do sujeito através de correntes distintas do pensamento psicológico concebeu uma proposta onde apresenta uma dimensão abrangente da psicopedagogia, propondo desde um diagnóstico adequado, até um tratamento corretor e preventivo do indivíduo, de maneira que contribua efetivamente na aprendizagem do mesmo.

Em relação aos diversos conceitos de psicopedagogia, Bossa (2007), identifica-se com a seguinte escrita de Golbert: “não devemos nos limitar a uma escola” (p.22), isso remete a necessidade de ampliação do campo de visão daqueles que integram o processo de aprendizagem da criança, não se pode restringir a busca de solução a um único diagnóstico, tampouco, deixar de buscar a participação e apoio da família, já que conforme se tem no título II, do artigo 1º da LDB, “a educação é dever da família e do Estado”, e a psicopedagogia funciona como ponte na aproximação de todos os envolvidos no processo educativo, sempre que necessário.

Ainda sobre a atuação da Psicopedagoga Jorge Visca relata:

A psicopedagogia foi uma ação subsidiária da medicina e da psicologia, perfilou-se como um conhecimento independente e complementar, possuidora de um objeto de estudo – o processo de aprendizagem – e de recursos diagnósticos, corretores e preventivos próprios. (VISCA APUD BOSSA, 2007, p.23).

Com relação ao pensamento acima citado é possível perceber que a psicopedagogia se apropria, sobretudo, de um estudo voltado às características da aprendizagem humana, para isso, atua em uma linha que considera concepções biológicas, afetivas e intelectuais responsáveis pela relação do sujeito com o meio e, conseqüentemente, com sua aprendizagem. Sendo assim, Bossa ressalta:

O objetivo do tratamento psicopedagógico é o desaparecimento do sintoma e a possibilidade de o sujeito aprender normalmente em condições melhores, enfatizando a relação que ele possa ter com a aprendizagem, ou seja, que o sujeito seja o agente da sua própria aprendizagem e que se aproprie do conhecimento. (BOSSA, 2007, p.21).

Percebe-se, portanto, que o trabalho psicopedagógico busca a autonomia do aprendente, independente do problema que acarrete dificuldades na construção do conhecimento, o acompanhamento profissional que vai do diagnóstico à correção implicará em condições favoráveis a concretização da aprendizagem com eficácia.

### 3 CONTEXTUALIZANDO AS DIFICULDADES NA CONSOLIDAÇÃO DA APRENDIZAGEM

Conforme Sánchez (2004) a American Psychological Association (APA) classifica as dificuldades de aprendizagem como um tipo de transtorno de desenvolvimento, em meio a outros transtornos que aparecem ao longo do desenvolvimento e que necessitam de avaliação e intervenção psicopedagógica. Em linha gerais, as dificuldades de aprendizagem se caracterizam por uma dissonância entre idade e desenvolvimento intelectual do sujeito, o que acarreta situações de exclusão nos diversos meio sociais do indivíduo.

Sánchez (2004) corrobora, ainda, que dificuldade é um termo genérico que diz respeito a um grupo heterogêneo de desordens manifestadas por problemas expressivos nas aquisições e uso das capacidades de escuta, fala, leitura, escrita, interpretação ou raciocínio matemático, sendo que essa desordem, geralmente, se manifesta simultaneamente em mais de uma área.

Em consonância, especifica-se dificuldade de aprendizagem como:

uma perturbação num ou mais dos processos psicológicos básicos envolvidos na compreensão ou utilização da linguagem falada ou escrita, que pode manifestar-se por uma aptidão imperfeita de escutar, pensar, ler, escrever, soletrar ou fazer cálculos matemáticos. O termo inclui condições como problemas perceptivos, lesão cerebral, disfunção cerebral mínima, dislexia, e afasia de desenvolvimento. (CORREIA, 1991, p.17)

Entende-se, assim, que o autor supracitado (CORREIA, 1991) define as dificuldades de aprendizagem como fatores que podem se manifestar de maneira estável ou configurando sintomas, por não se tratarem de algo que faça parte do comportamento humano de maneira permanente, como tal, não poderão, em nenhum caso, ser consideradas fator determinante na não efetivação da aprendizagem, além do mais, as dificuldades, tratando-se ou não de deficiência, possuem causas provenientes de uma série de concomitantes e razões que carecem de diagnóstico, investigação, explicação e tratamento, sendo o profissional psicopedagogo indicado para atura nessa linha.

Segundo Paín (1983) um sintoma possui estado particular que, para equilibrar-se, carece adotar certos tipos de comportamentos cuja atuação possui caráter positivo em seu contexto, mas que termina por ser caracterizado como não aprendizagem. Nessa perspectiva, a não aprendizagem não constituiu, portanto, o contrário de aprender, já que como sintoma está cumprindo uma função positiva, tão integradora quanto a primeira, porém com a outra disposição dos fatores que interferem.

Frente ao exposto, compreende-se que uma criança só pode ser considerada inapta a aprender, quando não alcançar resultados proporcionais aos seus níveis de idade e capacidade numa ou mais áreas específicas, tais como expressão oral,

compreensão auditiva, expressão escrita, capacidade básica de leitura e cálculos matemáticos, ou seja, será observado uma discrepância significativa em sua capacidade intelectual envolvendo os aspectos mencionados, sendo que, para isso, ainda deve ter sido proporcionadas experiências de aprendizagem adequadas a seus respectivos níveis.

De acordo com Paín (1983, p.95)

Alguns problemas específicos de aprendizagem não são resultados de: falta de capacidades intelectuais, déficits sensoriais primários, privação cultural, falta de continuidade na assistência às aulas ou problemas emocionais. Entretanto estas condições podem acompanhar desencadear ou agravar um problema nas áreas de aprendizagem. Existem fatores próprios ao ambiente, ao meio social, cultural, emocional, orgânicos e específicos que intervêm para o surgimento de um baixo rendimento escolar.

Como já mencionado anteriormente, os problemas que permeiam a consolidação da aprendizagem vão além do que se possa hipotetizar de forma célere, necessitam de avaliação precisa, pois de acordo com o pensamento da autora acima, “existem fatores próprios” (PAÍN, 1983, p.95) que interferem no rendimento escolar, não se podendo, dessa forma, apontar alguns resultados como sendo um problema específico de um estado físico, emocional ou social, por exemplo.

Assunção (2011) diz que problemas de aprendizagem podem ser provenientes de fatores orgânicos ou mesmos emocionais, defende a relevância do diagnóstico para que seja verificado se não estão associadas à preguiça, cansaço, sono, dentre outros fatores também considerados como desmotivação ao aprendizado. A autora aponta a dislexia como um dos maiores responsáveis pela ocorrência da não aprendizagem, salienta, ainda, que é necessário estarmos atentos a outros sérios problemas como disgrafia, disortografia, dislalia, discalculia e o TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade).

A classificação dos referidos distúrbios se faz da seguinte forma:

A **dislexia** do desenvolvimento é considerada um transtorno específico de aprendizagem de origem neurobiológica, caracterizada por dificuldade no reconhecimento preciso e/ou fluente da palavra, na habilidade de decodificação e em soletração, conforme International Dyslexia Association (IDA), por ser uma dificuldade que aparece na leitura, impede que o aluno desenvolva a fluência, pois o mesmo faz trocas ou omissões de letras, inverte sílabas, apresenta leitura lenta, dá pulos de linhas ao ler um texto, etc.

A **disgrafia** normalmente vem associada à dislexia, porque se o aluno faz trocas e inversões de letras, conseqüentemente encontra dificuldade na escrita. Além disso, está associada a letras mal traçadas e ilegíveis, letras muito próximas e desorganização ao produzir um texto.

A **disortografia** não pode ser confundida com a disgrafia, pois ela está relacionada a uma deficiência que afeta as aptidões da escrita, ou seja, é uma dificuldade centrada na estruturação, organização e produção de textos escritos. Além



disso, as crianças mostram uma construção frasal aquém do esperado, com o vocabulário pobre e curto; nota-se também certa quantidade de erros ortográficos.

A **dislalia** é um distúrbio que acomete a fala, caracterizado pela dificuldade em articular as palavras. A pessoa portadora de dislalia, troca as palavras por outras similares na pronúncia, omitindo ou trocando as letras. Em suma, as manifestações clínicas da dislalia consistem em omissão, substituição ou deformação dos fonemas.

A **discalculia** é um tipo de transtorno de aprendizagem caracterizada por uma inabilidade ou incapacidade de pensar, refletir, avaliar ou raciocinar processos ou tarefas que envolvam números ou conceitos matemáticos.

O **TDAH** é um transtorno neurobiológico caracterizado pela combinação de sintomas de desatenção, hiperatividade (inquietação motora) e impulsividade; crianças com TDAH podem apresentar dificuldades em prestar atenção à aula, responder as questões sem terminar de ler e não conseguir ficar parado.

### 3.1 Dificuldades de aprendizagem: aprofundando conhecimentos sobre causas

Antes de adentrar a uma teorização mais específica sobre os problemas que retardam a aprendizagem no contexto escolar é importante fazer a distinção entre *dificuldades de aprendizagem* e *transtornos de aprendizagem*, termos que são, corriqueiramente, tratados como sendo o mesmo evento, semanticamente falando, porém, apresentam suas particularidades.

Primeiramente, o que tange a dificuldade de aprendizagem é a importância da multidisciplinaridade integrada, ou seja, quando se refere à dificuldade de aprendizagem, estar se falando sobre um ser que possui uma maneira diferente de aprender, trata-se de um obstáculo, uma barreira, um sintoma, como abordado anteriormente, que pode ser de origem tanto cultural, quanto cognitiva, ou mesmo emocional. Vale salientar, que a maioria dos casos de dificuldade podem ser resolvidos no ambiente escolar com o apoio psicopedagógico.

O distúrbio de aprendizagem está ligado a um grupo de dificuldades pontuais e específicas, caracterizadas pela presença de uma disfunção neurológica, neste caso, o cérebro funciona de forma diferente, pois, mesmo sem apresentar desfavorecimento físico, social ou emocional, os portadores do distúrbio de aprendizagem demonstram dificuldade em adquirir o conhecimento à luz da teoria, isso não significa que ela seja incapaz de aprender, pois o quadro é reversível, necessitando para isso de métodos de ensino adequados à singularidade de cada caso.

Com relação aos distúrbios, Bastos (2003), afirma que as crianças portadoras de dislexia são incapazes de ler com a mesma facilidade que os colegas da mesma faixa etária, embora disponham de boa sanidade neurológica e sensorial. Essa dificuldade não possui relação com as que são desenvolvidas mediante falhas de métodos pedagógicos, e embora façamos alusão à mesma nos referindo quase sempre a crianças, segundo estudiosos, pode haver a ocorrência também em adultos.

Ainda de acordo com Bastos (2003), o cérebro de um disléxico não apresenta nenhuma anormalidade, por isso quanto mais cedo for diagnosticado o quadro, e a criança for colocada em contato com a linguagem, maior é a possibilidade de acabar, ou pelo menos coibir, possíveis problemas que possam vir a ser enfrentados por essas pessoas, que quando não recebem acompanhamento didático-pedagógico adequado podem desenvolver dificuldades que extrapolam os muros escolares, passando a ser um problema de exclusão social.

As disgrafias, por sua vez, estão relacionadas diretamente, como o próprio nome sugere, aos problemas que causam alteração da escrita tais como: forma, fluidez e simbolização. Pesquisas feitas por vários estudiosos e enfatizadas por Bastos (2003) apontam como sendo manifestações típicas da escrita disgráfica: traços pouco precisos e incontrolados; falta de pressão com debilidade de traços, ou traços demasiadamente fortes que vinquem o papel; grafismos não diferenciados nem na forma, nem no tamanho; escrita desorganizada no que diz respeito à globalidade do conjunto escrito como um todo; etc. É importante salientar que essas manifestações costumam se apresentar em conjunto, ou seja, há pouca chance de um indivíduo disgráfico apresentar somente uma das características mencionadas.

Com relação à disortografia, a mesma advém das dificuldades no uso das regras ortográficas. Conforme Morais (1997, p. 138), apud Bastos (2003, p. 149), “os critérios para avaliar a disortografia estão relacionados ao nível de escolaridade, à frequência e os tipos de erros”. Neste ensejo entende-se que entre crianças de até três anos, por exemplo, esse tipo de ocorrência (dificuldade no uso das regras ortográficas) é aceitável. Da mesma forma precisa-se atentar para o índice de ocorrências e os tipos de erros que tenham sido cometidos para que não haja conclusões precipitadas dos casos.

Já a dislalia, trata-se de um problema de articular corretamente os fonemas, o indivíduo com dislalia costuma pronunciar algumas palavras de forma errada, trocando por fonemas similares à pronúncia original. Como trocar o “r” pelo “l”. Um exemplo conhecido do caso, é Cebolinha, um dos personagens principais de *A Turma da Mônica*, que pronuncia “plometo” ao invés de “prometo”, por exemplo.

Divide-se em quatro tipos: dislalia evolutiva, considerada normal em crianças, sendo corrigida gradativamente durante o seu desenvolvimento; dislalia funcional, neste caso, ocorre substituição de letras durante a fala, não pronunciar o som, acrescentar letras na palavra ou distorce o som; dislalia audiógena, ocorre em indivíduos que são deficientes auditivos e que não conseguem imitar os sons e dislalia orgânica que ocorre em casos de lesão no encéfalo, impossibilitando a correta pronúncia, ou quando há alguma alteração na boca. O problema pode ocorrer devido alguma malformação congênita, lábio leporino, por exemplo; ou também pela flacidez muscular e postura indevida da língua em virtude do uso prolongado da chupeta ou mamadeira.

Sobre discalculia tem-se que, segundo Bernardi (2014), não é uma doença, nem necessariamente uma condição crônica. Trata-se de um transtorno de aprendizagem específico da Matemática, caracterizado pela dificuldade no processo

de aprendizagem do cálculo e que pode ser observado em pessoas com inteligência dita normal, estas não apresentam, também, deficiências sensoriais ou falta de acesso ao ensino adequado, mas que cometem erros diversos na solução de problemas verbais, nas habilidades de contagem, nas habilidades computacionais e na compreensão dos números.

A falta de atenção pode se manifestar em situações escolares, profissionais ou sociais. As crianças com TDAH, de acordo com Lima (2011), frequentemente apresentam dificuldades em manter a atenção em tarefas ou atividades lúdicas. As mesmas não conseguem manter a atenção em uma só tarefa, especialmente, quando esta não é atraente aos seus anseios. Também tem dificuldades para atender às solicitações ou instruções e não conseguem complementar o trabalho escolar, tarefas domésticas ou outras atividades. Casos assim, são erroneamente confundidos com indisciplina, quando, na verdade, trata-se de um transtorno que faz o indivíduo agir de maneira impulsiva, desatento ou excessivamente agitado.

Pelo exposto, percebe-se que a atuação psicopedagógica é indispensável no contexto escolar para que os percalços educacionais responsáveis pela não concretização da aprendizagem sejam coibidos, pois o trabalho desenvolvido, por esse profissional, torna intervenções eficientes, ou, quando não for o caso o mesmo fará encaminhamentos para que o educando tenha o acompanhamento adequado a sua particularidade.

#### **4 A ATUAÇÃO PSICOPEDAGÓGICA EM CONTRIBUIÇÃO COM A APREDIZAGEM**

Entende-se, no que diz respeito a ação psicopedagógica que a mesma rompeu barreiras cujos resultados são responsáveis por relevantes contribuições na aprendizagem humana, partindo dessa premissa, ressalta-se a importância desse profissional nas instituições escolares, auxiliando nas diversas demandas que vão do cunho pedagógico ao psicológico e que fazem parte do cotidiano das escolas. Embora esteja-se enfatizando a atuação do psicopedagogo em escolas, isso pode ser estendido a empresas e clínicas.

Bossa(2007,p.67) afirma que:

A psicopedagogia clínica procura compreender de forma global e integrada os processos cognitivos, emocionais, sociais, culturais, orgânicos, e pedagógicos que interferem na aprendizagem, a fim de possibilitar situações que resgatem o prazer de aprender em sua totalidade. Incluindo a promoção da integração entre pais, professores, orientadores educacionais e demais especialistas que transitam no universo educacional do aluno.

A autora, Bossa (2007), reitera, ainda, que a prática da psicopedagogia na instituição escolar também é clínica, desde que não se considere apenas a semântica original que remete à observação e investigação, já que na instituição o referido profissional será um observador e investigador das dificuldades de aprendizagem e

com isso promoverá, também, a integração daqueles que fazem a comunidade escolar como um todo. O trabalho do referido profissional tem diferentes níveis de atuação, embora na escola o mesmo prevaleça em um caráter preventivo, como aborda Bossa(2007, p.25):

**No primeiro nível** o psicopedagogo atua nos processos educativos com o objetivo de diminuir a “frequência dos problemas de aprendizagem”. Seu trabalho incide nas questões didático-metodológicas, bem como na formação e orientação de professores, além de fazer aconselhamento aos pais. **No segundo nível** o objetivo é diminuir e tratar dos problemas de aprendizagens já instalados. Para tanto cria-se plano diagnóstico da realidade institucional, e elaboram-se planos de intervenção baseados nesses diagnósticos a partir do qual se procura avaliar os currículos com os professores, para que não se repitam tais transtornos. **No terceiro nível** o objetivo é eliminar transtornos já instalados em um procedimento clínico com todas as suas implicações. O caráter preventivo permanece aí, uma vez que ao eliminarmos um transtorno, estamos prevenindo o aparecimento de outros.

Diante da abrangência de atuação, Neves apud Bossa (2007) declara que o objeto de estudo do psicopedagogo está ligado com o processo de ensino e aprendizagem, pois seus estudos estão direcionados aos atos de aprender e ensinar, considerando a construção do conhecimento em toda sua complexidade, ao tempo que nivela aspectos cognitivos, afetivos e sociais que estão presentes no contexto de aprendizagem.

Como já foi ressaltado, a psicopedagogia se ocupa da aprendizagem humana e tem seu surgimento apontado para a necessidade de compreensão dos problemas presentes no referido processo, o que faz com que a mesma busque se apropriar das características do mesmo, de como o indivíduo aprende, como se dar a variação evolutiva dessa aprendizagem e os vários fatores que a condicionam, como surgem as alterações na aprendizagem, como reconhecê-las, tratá-las e preveni-las.

Quanto ao trabalho desenvolvido pelo psicopedagogo na escola, o mesmo é materializado a partir de um instrumental especializado, sistema específico de avaliação e estratégias capazes de atender aos alunos em suas individualidades e de auxiliar os educandos nas atividades escolares e em questões que perpassam os muros da escola. Compete, ainda, ao psicopedagogo o trabalho de assessoramento na instituição, de modo a possibilitar uma redimensão na atuação dos professores junto aos alunos, intensificando o processo de aquisição e incorporação do conhecimento no espaço escolar de maneira adequada, assim como mediar encaminhamentos dos discentes para outros profissionais sempre que se fizer necessário.

Ademais, percebe-se no trabalho do psicopedagogo o desígnio de eliminar sintomas que são tidos como problemas na aprendizagem do aluno, para que isso seja concretizado se faz necessário o desenvolvimento de ações bem planejadas, pois, conforme Paín apud Bossa(2007, p. 106)

o profissional, para cumprir os objetivos e garantir o enquadre no trabalho psicopedagógico, deve adotar certas técnicas. São elas: organização prévia da tarefa; graduação nas dificuldades das tarefas; autoavaliação de cada tarefa a partir de determinada finalidade; historicidade do processo, de forma que o paciente possa reconhecer sua trajetória no tratamento; informações a serem oferecidas ao sujeito pelo psicopedagogo, num nível em que possa integrá-las ao seu repertório intelectual e construir o mundo que habita.

A nomenclatura de paciente se refere, no ensejo, aos alunos que passam pelo acompanhamento psicopedagógico, este, por sua vez, carece passar por etapas que proporcionem ao educando autonomia no ato de aprender, para isso, o profissional conta com inúmeras possibilidades, tais como: entrevistas, trabalho interdisciplinar, grupos terapêuticos, técnicas de recolocação de informação diagnóstica, estratégias terapêuticas, assessoramento e coordenação de projetos educativos institucionais e projetos pedagógicos inovadores, dentre outro; além do mais, não se pode deixar de ressaltar a importância da inserção dos jogos no trabalho psicopedagógico.

Percebe-se, enfim, que muitas são as contribuições que o psicopedagogo pode dar na aprendizagem dos alunos quando da sua atuação nas escolas, o que ressalta a necessidade de se lutar pela regulamentação da profissão de modo que, a presença desta, abranja as instituições de maneira mais acessível possível, fortalecendo o objetivo comum de uma educação de qualidade a todos.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A proposta do presente trabalho foi apresentar uma visão geral sobre o surgimento e caminho percorrido pela psicopedagogia, enfatizando a relevância do papel desempenhado pelo profissional psicopedagogo no processo de aprendizagem frente aos problemas os quais fazem parte do cotidiano escolar, mediando a análise de aspectos tendenciosos a atrapalhar a efetivação da aprendizagem carentes de discernimento para que não sejam cometidas falhas decorrentes de diagnósticos errados e até mesmo a privação e exclusão de alguém que apenas requer um acompanhamento diferenciado ou alinhamento metodológico fatores essenciais para concreta integração do aprendente.

No modelo contemporâneo a instituição escolar é que deve se adequar para atender às necessidades dos alunos, de modo a lhes oferecer o suporte necessário para o pleno desenvolvimento educacional. Esse modelo é hoje uma política educacional garantida pela legislação brasileira a nível federal, estadual e municipal, o qual faz com que os órgãos governamentais tenham a responsabilidade de implementá-la de forma satisfatória, considerando e adequando a realidade local, o que vem de encontro com investimentos para além da estrutura e material, pois são nos recursos humanos que se vê a possibilidade da efetivação do cumprimento do que rege a legislação, a adequação aqui mencionada, em muitos casos, só se torna



real a partir do trabalho desenvolvido pelo psicopedagogo o qual abrange aspectos pedagógicos, emocionais e sociais.

Diante do exposto, percebe-se a inegável importância de um acompanhamento psicopedagógico nas escolas, seja na sua perspectiva preventiva, seja num enfoque curativo, condições que favorecem o sucesso na escolarização dos alunos independente se os mesmos têm dificuldades ou transtornos de aprendizagem. O certo é que há uma grande necessidade, por parte das instituições, de adequação psicopedagógica para atenderem de forma significativa uma demanda crescente de necessidades educacionais que extrapolam os limites pedagógicos, principalmente, considerando aspectos emocionais responsáveis pela desestruturação da aprendizagem de crianças e adolescentes.

Enfim, não se tem a intenção de findar as discussões sobre um tema que ainda carece de muitas reflexões e pesquisas. Espera-se, sim, que as questões aqui discutidas não se tornem alvo de acomodação, pelo contrário, sirvam de embasamento numa luta que não se restringe ao psicopedagogo, nem tampouco aos que compõem as instituições escolares, mas que faça parte do interesse das famílias e de todos que desempenham o papel de cidadão perante a sociedade, e que acreditem na diferença que a educação desempenha, sendo, portanto, um direito que atenda a todas as necessidades do indivíduo.

## REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO, M. M. S. de. **Freud e a História da Educação: possíveis aproximações.** In: FILHO, Luciano Mendes de Faria (org.). Pensadores sociais e história da educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

BASTOS, Marbênia Gonçalves Almeida. **Formação de professores para o diagnóstico das dificuldades de leitura e de escrita.** Fortaleza: Ed. Eduece, 2003.

BERNARDI, J. **Discalculia: O que é? Como intervir?** 1.ed. São Paulo: Paco Editorial, 2014.

BOSSA, Nádia A. **A Psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática.** RS, Artmed, 2007.

CORREIA, L.M. **Dificuldades de Aprendizagem: Contributos para a Clarificação e Unificação de Conceitos.** Braga: Associação dos Psicólogos Portugueses. 1991.

GONÇALVES, Júlia E. **A Regulamentação da Profissão em Psicopedagogia**, [s.l.], v.7, n.7, p.6, jun.2019. Disponível em:  
<<http://revista.fundacaoaprender.org.br/?p=171>>. Acesso em: 21 abr. 2020.

Lei nº. 9394 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Brasília: Congresso Nacional, 2019. Acesso em: 20 abr. 2020.

LIMA, F. A. A. Transtorno do Déficit de atenção e Hiperatividade: entendendo melhor a criança com TDAH no contexto da escola pública. 2011. **Monografia** (Especialização em Desenvolvimento humano, educação e inclusão escolar) - UAB/UnB. Disponível em:  
<[https://bdm.unb.br/bitstream/10483/2345/1/2011\\_FranciadilinaAlvesdeOliveiraLima.pdf](https://bdm.unb.br/bitstream/10483/2345/1/2011_FranciadilinaAlvesdeOliveiraLima.pdf)>. Acesso em: 26 abr. 2020.

PAÍN. Sara. **Dificuldades de Aprendizagem**. Editora Waac. 1983.

SÁNCHEZ, Jesus-Nicasio G. **Dificuldades de Aprendizagem e Intervenção Psicopedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

VISCA, Jorge. **Clínica Psicopedagógica: epistemologia convergente**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.